

O meio da rua: uma análise das técnicas do grafite brasileiro

Rafaela dos Reis Büttner

Universidade do Estado de Minas Gerais

<http://lattes.cnpq.br/1320284327380696>

rafa.biittner@gmail.com

Rita Aparecida da Conceição Ribeiro

Universidade do Estado de Minas Gerais

<http://lattes.cnpq.br/5074309517644166>

rribeiroed@gmail.com

Sérgio Antônio Silva

Universidade do Estado de Minas Gerais

<http://lattes.cnpq.br/9285512367945785>

sas.sergiosilva@gmail.com

Anderson Antonio Horta

Universidade do Estado de Minas Gerais

<http://lattes.cnpq.br/2748521618581486>

andersonhorta@gmail.com

Resumo:

O grafite é uma forma de expressão artística enraizada em movimentos de contracultura e resistência política, e tem se espalhado pelo mundo como uma maneira de reivindicar o espaço público e debater temáticas socioculturais. Em uma forte ligação com a cidade e incorporando elementos da cultura popular, o movimento grafiteiro contribui para a construção da identidade urbana, valorizando e apropriando-se dos espaços públicos. Com a passagem do tempo, técnicas da prática foram sendo aprimoradas e diferenciadas a partir da ressignificação do grafite como modelo de arte urbana. O presente artigo explora seis técnicas empregadas ao grafite de rua brasileiro, bem como explora o grafite como um sistema de arte colaborativo e social. Foi realizada a revisão da literatura acerca das técnicas para apurar as particularidades e diferenciações de cada uma. O emprego das técnicas abordadas nos cenários públicos apresenta o desenvolvimento e as mudanças das artes inseridas nas culturas urbanas, promovendo uma leitura assertiva da relação do grafite para com a identidade artística das cidades, refletindo as reivindicações sociais às quais a prática grafiteira está inserida.

Palavras-chave:

Grafite; Técnicas de grafite; Culturas urbanas; Paisagem urbana.

Eixo temático:

Design e identidade

The middle of the street: an analysis of brazilian graffiti techniques

Abstract:

Graffiti is a form of artistic expression rooted in countercultural movements and political resistance, and it has spread throughout the world as a way to claim public space and debate sociocultural themes. With a strong connection to the city and incorporating elements of popular culture, the graffiti movement contributes to the construction of urban identity by valorizing and appropriating public spaces. Over time, techniques in graffiti practice have been refined and differentiated through the redefinition of graffiti as a model of urban art. This article explores six techniques employed in Brazilian street graffiti, as well as examines graffiti as a collaborative and social art system. A literature review was conducted to investigate the specificities and differentiations of each technique. The application of the discussed techniques in public settings highlights the development and changes of arts within urban cultures, promoting an insightful understanding of graffiti's relationship with the artistic identity of cities and reflecting the social claims embedded in graffiti practice.

Keywords:

Graffiti. Graffiti Techniques. Urban Cultures. Urban Landscape.

Introdução

Com raízes em movimentos de contracultura e de resistência política, o grafite é uma forma de expressão artística que tem se manifestado em diferentes partes do mundo. Tem sido utilizado por artistas urbanos para reivindicar o espaço público e promover debates sobre temas diversos, como identidade, desigualdade social, meio ambiente, marginalidade e manifesto (BLAUTH; POSSA, 2012).

No Brasil, o grafite recebeu seu inflame na década de 1970, em meio ao contexto de repressão política e censura artística durante o regime militar. Ao longo das décadas seguintes, a prática evoluiu em termos de técnica, estilos e influências. A partir dos anos 1990, a popularização da cultura hip hop e do grafite em outros países contribuiu para a difusão dessa prática no Brasil, principalmente em grandes cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

O grafite brasileiro possui uma forte relação com a cidade, não apenas como suporte físico para as intervenções dos artistas, mas também como fonte de inspiração e influência estética (SOUZA; BLANCO, 2020). A prática grafiteira incorpora elementos da cultura popular, como a música e dança, além de explorar temas sociais e políticos. Na construção da identidade urbana, o grafite tem se destacado como uma importante prática para a valorização e apropriação dos espaços públicos pela população, envolvendo a complexa relação entre artistas, moradores e poder público na gestão e na produção do grafite na cidade (BLAUTH; POSSA, 2012). Como forma de expressão artística e de resistência política, a prática passou por uma transição significativa no Brasil, gradativamente deixando de ser visto – enviesadamente – como marginalizado para se tornar uma arte pública, sendo cada vez mais valorizado pela sociedade e pelas instituições culturais (SOUZA; BLANCO, 2020). Ao longo da trajetória do grafite no contexto urbano, diversas técnicas e práticas artísticas foram desenvolvidas e aprimoradas.

Este artigo visa aprofundar a compreensão das técnicas *bomb*, *throw up*, *wild style*, *3D*, realismo e muralismo no contexto do grafite brasileiro, por meio da exploração de seus aspectos intrínsecos, incluindo estilos, influências, elementos gráficos e tipográficos, bem como os desafios enfrentados na promoção e valorização dessas expressões como manifestações artísticas e culturais. Para tal, a pesquisa se baseou no estudo do estado da arte relacionado ao tema, analisando as peculiaridades e distinções das técnicas utilizadas, com o intuito de difundir o conhecimento sobre a prática do grafite entre os artistas brasileiros e ampliar a percepção dessa forma de arte urbana como um meio de reivindicação social.

O movimento

A representatividade do grafite brasileiro como um modelo de arte contestatória e reivindicativa é datada particularmente como um movimento subsequente ao grafite estadunidense. Foi a partir da evolução da tecnologia na década de 1950 que o movimento grafiteiro ganhou maior força, em detrimento do desenvolvimento da tinta látex e tinta *spray* para uso industrial (OLIVEIRA; CASTRO, 2017). De fato, as movimentações sociais dos guetos nova-iorquinos da década de 1960 repercutiram em maior abrangência a prática do grafite como um modelo de resistência (OLIVEIRA; CASTRO, 2017). Enquanto nos EUA a prática partia como uma afirmação artística e social da população periférica, no Brasil fora adotada como um modelo de denúncia no contexto da ditadura militar, na década de 1960, a partir da apropriação dos muros da cidade, clamando pelo fim do período ditatorial. Antecedendo o período ditatorial brasileiro, o grafite já era utilizado como modelo de expressão artística.

Uma grande influência da prática grafiteira advém do muralismo mexicano, que consistia em “um movimento artístico preocupado em transmitir ideais de valorização da identidade local com base em princípios comunistas” (OLIVEIRA; CASTRO, 2017). Em 1968, com o lema “as paredes tinham então a palavra” (PAPALI; ZANETTI; VIANNA, 2016) o grafite permeava os muros no contexto das manifestações contraculturais europeias, onde os estudantes e assalariados parisienses reivindicavam melhoria nas condições sociais e trabalhistas, partindo também da apropriação artística dos muros (MOREIRA, 2016).

Já como um modelo de arte instaurado na modernidade, o grafite apropria-se do espaço público não mais só como um idealizador de reivindicações. Está presente como um propulsor de identidade, tornando-se um estilo de vida. A ocupação do espaço por parte dos grafiteiros permeia a rua e os espaços não convencionais passam a ser ocupados pela arte, como Blauth e Possa (2012, p.149) sugerem:

Devido à complexidade das diferentes manifestações artísticas, os espaços e as instituições culturais buscam novos dispositivos para que o público em geral possa se aproximar e ampliar sua compreensão sobre as produções da arte atual. No final dos anos 1960 e início dos anos 1970, o abandono dos espaços fechados das galerias, de museus, dos locais de produção em atelier e a intervenção direta na natureza colocaram em crise os objetos artísticos, provocando novas interrogações sobre a função crítica da arte e sua dimensão dentro do contexto público da arte. Dessa forma, a partir da utilização de espaços não convencionais pelos artistas, os termos lugar e local adquirem novos significados e conceituações na arte contemporânea (BLAUTH; POSSA, 2012, p.149).

É a partir do *hip-hop* que o grafite é condicionado como um modelo artístico. Está empregado como uma voz lúdica à essa cultura, onde essa prática proporciona a democratização da arte utilizando a cidade como suporte (GITAHY, 1999). A abordagem do grafite advinda do caráter periférico traz à tona questões sociais e ideológicas, enfatizando principalmente a luta social por parte dos grupos minoritários, a injustiça e o caráter ideológico das repartições públicas que desfavorecem minorias sociais. No cerne da relação do *hip-hop*, que carrega o grafite como modelo de representação, Rodrigues (2003, p.32-33) enfatiza:

A globalização do *Hip-hop* foi um processo que ocorreu de forma rizomática e molecular (Deleuze e Guattari (1994) e Guattari e Negri [1982]). De forma rizomática porque os elementos do *hip-hop* foram se globalizando de forma descentralizada, ou seja, eles não partiam de um determinado centro para chegar a um outro lugar, não havia um centro de comando; a globalização ocorreu de forma não hierárquica, ou seja, nenhum dos elementos tinha uma posição superior aos demais, não havia uma ordem de importância dada a priori. O rizoma deve ser entendido como um processo onde as multiplicidades (no caso o rap, o break, o graffiti, o DJ, a luta contra o racismo, contra a violência policial etc.) se conectam umas às outras sem responder a um centro de comando ou a ordens hierárquicas. De forma molecular porque a sua constituição enquanto movimento social se faz de forma imanente às singularidades dos grupos e dos indivíduos, não há uma figura transcendente que organiza o *socius* de forma centralizada (como o Estado, os partidos ou o capital) (RODRIGUES, 2003, p. 32-33).

Diferentemente do picho¹, que propositalmente possui a característica de muitas vezes ser ininteligível, o grafite emprega a arte como celebração, possuindo o teor de ser compreendido com facilidade pelas esferas sociais. Enquanto o picho está diretamente relacionado ao uso da escrita como manifestação e propagação das *tags*², o grafite apresenta como intuito atrair a atenção para a produção artística (BLAUTH; POSSA, 2012).

É frequente deparar-se com uma clara dissociação entre o picho e o grafite, uma vez que o primeiro permeia as esferas da ilegalidade pública, enquanto o segundo é realizado dentro dos trâmites legais. No entanto, é importante ressaltar que o picho também se apresenta como uma forma de manifestação e possui suas próprias reivindicações, embora possam ser expressas de maneira desorganizada nos espaços públicos. Enquanto o picho é manifestado como uma expressão de disputa pelo espaço, o grafite apresenta-se a partir da disseminação de representações artísticas. Nessa esfera, ambas as práticas ocupam os espaços urbanos, e contam uma história social (PIXO, 2009). Ridicularizar a cultura do picho como uma forma de enaltecer o grafite não apenas desvaloriza artisticamente ambas as expressões, como também as estigmatiza, apesar de ambas as práticas terem suas origens nas mesmas classes e percursos (PIXO, 2009).

¹ Picho com “ch” refere-se à prática, picho com “x” pode ser compreendido como o movimento social do picho, através do conceito identitário do grafiteiro.

² Assinatura do grafiteiro/pichador, comum nos muros das cidades.

A distinção entre picho e grafite está relacionada ao tratamento diferenciado que cada modalidade recebe. O grafiteiro, especialmente ao longo da última década, conseguiu obter maior aceitação da sociedade em relação à sua prática, rompendo com a percepção de vandalismo que muitas vezes foi atribuída a ele. Por outro lado, a prática do picho continua sendo amplamente reconhecida em diversos setores da sociedade como vandalismo (OLIVEIRA; TARTAGLIA, 2009). Contudo, pichadores procuram manter essa reputação e reconhecem suas ações como uma forma de desafiar os valores estéticos e paisagísticos dominantes nas cidades (GITAHY, 1999).

A linguagem do grafite

Regendo seus próprios signos sociais, o grafite é o modelo artístico da cultura *hip-hop*. Em sua linguagem identitária, está representado a partir da caracterização de seus signos, como a música, a arte e o vestuário, a fim de manifestar seu caráter ideológico e social, conforme apontam Blauth e Possa (2012, p.157):

Ao adentrarmos no mundo dos grafiteiros percebemos que estes possuem ainda outras características importantes como os signos próprios, a linguagem (gíria), a música (hip hop), o esporte/hobby (skate) e suas roupas (grunge), manifestando assim a ideologia de vida, arte e conhecimento de uma parcela da sociedade reprimida pela cultura dominante. [...] Esta é a forma como os membros do grafite buscam sua afirmação como identidade individual tanto quanto sua afirmação como identidade coletiva (BLAUTH; POSSA, 2012, p.157).

A linguagem do grafite pode ser apresentada no espaço público inerente às formas previstas pela arte; isto é, em “relação à forma, à matéria, ao objeto, ao lugar, ao local, ao espaço, seja, ele privado ou público, tudo está aí para ser investigado de forma crítica ou não” (BLAUTH; POSSA, 2012). Rompendo com os padrões estéticos convencionais, a identidade dos grupos aos quais o grafite se insere possui suas próprias convicções sociais, abrangendo o espaço territorial, material e cultural à sua forma. A expressão do grafite vai além da ocupação dos muros, estando presente como uma linguagem urbana da cidade, como aponta Ramos (2009, p.1269):

Os grafiteiros recuperam a cidade, o corpo, os meios de comunicação como lugar da cultura, mas da cultura não só dos dominantes, mas do povo, dos que nela vivem e trabalham. Nessa perspectiva, percebemos que os grafites de ontem não são os de hoje, e os de hoje, não serão os de amanhã. Mas sempre os do aqui e agora (RAMOS, 2009, p.1269).

A partir do contexto artístico, assimila-se que o grafiteiro possui uma percepção única da paisagem urbana em comparação com os demais indivíduos que circulam pela cidade, onde a diferença fundamental reside na forma como eles enxergam a paisagem. Ao representar sua territorialidade, cada grafiteiro tem a capacidade de criar sua própria imagem, inserindo-a no contexto da paisagem urbana já existente (TARTAGLIA, 2013). Dessa maneira, cada artista tem a liberdade de construir sua própria visão da paisagem por meio de suas obras, de forma que transforma e molda a urbanização, conferindo-lhe novos significados não apenas para os espectadores que admiram as criações, mas também para o próprio artista responsável pela sua execução (SOUZA; BLANCO, 2020).

Para além de sua função de ressignificar o espaço urbano, o grafite também desempenha um papel significativo na ressignificação da paisagem (SOUZA; BLANCO, 2020). A paisagem é compreendida como tudo aquilo que percebemos e experimentamos do mundo exterior. É um elemento dinâmico, que adquire diferentes significados ao longo do tempo e em diferentes contextos sociais. O valor e o significado atribuídos à paisagem são mutáveis e variam de acordo com a perspectiva individual ou coletiva. A sociedade e o indivíduo, influenciados por sua cultura e experiências pessoais, desempenham um papel fundamental ao atribuir sentido e significado ao que observam na paisagem. A partir dessa dinâmica do espaço e do ser social, observa-se que a paisagem não é apenas um reflexo físico do ambiente, mas sim um produto socialmente construído, sujeito a múltiplas interpretações (SANTOS, 2006).

Técnicas e aplicações

As técnicas empregadas pelo grafite para a produção da arte de rua vêm sendo aperfeiçoadas desde sua propagação inicial. Popularmente, tais técnicas diferem em utilização de cores, formatos de *letters*³, intenção da produção, estilo e perfil identitário. A aplicação de letramento no grafite destaca-se como pioneira no estilo, onde as estéticas as quais lhe são aplicadas permanecem como referência ao grafite mundial. Conforme Afonso (2016, p.22):

O *lettering* é o pai do *graffiti*. Desde o seu início que o *graffiti* conheceu nos *letterings* a sua primeira forma de expressão através do chamado *Tag*, ou assinatura, bem como através dos *bombings* e *Trow-ups* em paredes e comboios [...] A massa de *writers* ativos engrossou, e a necessidade de afirmação fê-los arriscar, experimentando novos estilos no desenho da letra. Hoje, desde o primeiro estilo *Bubble* (bolha) ainda usado em *bombings*, até ao complexo 3D, o *lettering* é uma constante nesta arte. A estética que lhe está associada, muito própria deste tipo de pintura, continua a ser uma referência [...] (AFONSO, 2016, p.22).

Diante da exposição referencial dos modelos de expressões que compõem a estética e formulação do grafite, a tabela abaixo apresenta algumas das técnicas mais utilizadas no grafite de rua brasileiro. Tais abordagens artísticas foram compiladas com base na revisão técnica realizada no estudo, tendo como foco pesquisa as semelhanças e divergências entre os meios de produção das técnicas. É possível observar que a variação entre os modos de criação determina – não só visualmente – a intenção da produção por parte do grafiteiro, e que aspectos como local, cor e intenção podem determinar quais estilos e variações artísticas utilizar.

Técnica	Característica	Aplicação
Bomb	Letras grandes e simples em formato arredondado.	Rápida execução, geralmente com uma ou duas cores, geralmente sem preenchimento. Utilizada para marcar território ou para fazer <i>tags</i> simples e rápidas.
Throw up	Preenchimento rápido com duas ou três cores.	Letras preenchidas com cores sólidas e contornos rápidos. Utilizada para ganhar destaque e ocupar espaços maiores de forma rápida.
Wild style	Letras altamente estilizadas e complexas.	Formas e letras extremamente distorcidas e elaboradas, com conexões intrincadas e ângulos incomuns. Requer prática avançada.
Stencil	Uso de estêncil para criar imagens e letras.	Utilização de moldes recortados para criar formas, palavras ou imagens. Permite a reprodução rápida e precisa de uma imagem em múltiplos locais.
Realismo	Representação fiel de objetos e pessoas.	Técnica que busca retratar com precisão os detalhes e as características de um objeto ou pessoa. Requer habilidades avançadas de sombreamento e texturas.
Muralismo	Pinturas em larga escala em paredes e superfícies.	Obras de arte em grande formato, geralmente contendo narrativas visuais, cenas complexas ou mensagens significativas. Integração com o ambiente e a comunidade.
3D	Efeito tridimensional nas letras.	Uso de sombreamento, perspectiva e técnicas de ilusão ótica para criar a aparência de tridimensionalidade nas letras.
Freehand	Desenho livre à mão, sem uso de moldes ou stencils.	Criação de desenhos e letras de forma livre, sem auxílio de ferramentas adicionais. Permite maior expressão artística e liberdade criativa.

Tabela 1: Técnicas do grafite de rua brasileiro.

Fonte: Desenvolvido pelos autores, 2023.

³ Letras estilizadas e personalizadas que compõem a escrita do grafite, possuindo estilos distintos. O *lettering* é referente ao desenvolvimento de letras únicas, explorando formas, proporções, conexões e efeitos visuais. Baseia-se integralmente na expressão da individualidade do artista.

A utilização das técnicas empregadas diverge em formatos e estilos, cada qual adentrando em diferentes práticas gráficas utilizadas na arte (TARTAGLIA, 2013). A seguir, serão apresentadas as características e particularidades das técnicas *bomb*, *throw up*, *wild style*, *3D*, realismo e muralismo, envolvendo suas relações com o meio social e a paisagem urbana, bem como sua estrutura tipográfica, formas, identidades e intervenções.

Bomb e Throw up

Ambas em formato arredondado e contendo a aplicação de bordas largas, as técnicas *bomb* e *throw up* possuem diversas características afins (figura 1). O *bomb* “é a peça chave na compreensão da atitude mais valorizada entre grafiteiros” (FERREIRA, 2006), que é a intervenção livre pelos espaços da cidade. Ambas as técnicas são caracterizadas por sua rápida produção. Muitas vezes, são utilizadas como intervenções não autorizadas, assim como no picho. Estão presentes em muros, painéis, outdoors, prédios e costumam estar representadas em locais altos. Conforme Ferreira (2006), “quando um grafiteiro sai para *bombardear* a cidade, alguns aspectos ganham relevância e a busca por locais inusitados e arriscados é um deles.”



Figura 1: Representações das técnicas *bomb* e *throw up*.

Fonte: Freepik (esquerda); Graffiti Bible (direita).

Em síntese, a técnica *bomb* no grafite apresenta maior complexidade e detalhamento em comparação ao *throw up*. Conforme Saraiva Jr. (2012), “esta tendência carregava as motivações fundadoras do grafite: ilegalidade, anonimato, competição e ousadia. Tais características definem tanto a forma quanto o valor que cada manifestação carrega”.

Enquanto o *bomb* é executado rapidamente, muitas vezes em segundos, o *throw up* permite uma alocação de tempo maior e uma execução mais precisa. Quanto à legibilidade, o *bomb* busca facilidade de identificação, ao passo que o *throw up* estiliza as letras de forma a tornar a leitura mais desafiadora, valorizando aspectos estéticos e estilísticos (FERREIRA, 2006). Em relação às cores, o *bomb* emprega uma ampla variedade de tonalidades, utilizando uma paleta mais diversificada, enquanto o *throw up* tende a ser mais restrito, popularmente recorrendo a duas ou três cores básicas. No que diz respeito à localização, o *bomb* é frequentemente encontrado em superfícies de maior porte, como topos de edifícios, proporcionando aos artistas um espaço amplo para a expressão artística. Já o *throw up* é mais comumente observado em espaços reduzidos, como muros e áreas urbanas compactas (FERREIRA, 2006).

Wild style e 3D

O estilo conhecido como *wild style*, caracterizado por sua complexidade, é uma técnica de grafite que enfatiza a estilização das letras. O letramento que compõe o *wild style* agrega figurações estilizadas, apresentando curvas, linhas entrelaçadas e elementos decorativos elaborados (figura 2, esquerda). Essa técnica é frequentemente associada a uma aparência abstrata e de difícil leitura, pois as letras são distorcidas e entrelaçadas entre si (BATES, 2014).

Por outro lado, a técnica 3D no grafite é caracterizada pelo uso de sombreado e ilusão de profundidade para criar a aparência tridimensional das letras ou elementos do desenho (figura 2, direita). Nessa técnica, as letras parecem saltar da superfície, criando um efeito visual marcante. A aplicação de técnicas de sombreado, como gradientes de cores e contrastes, confere volume e dimensão às letras, tornando-as mais realistas e impactantes. A técnica 3D no grafite exige habilidade na criação de ilusões visuais e no domínio da perspectiva, resultando em obras com uma imersiva aparência tridimensional (TINWELL, 2013).

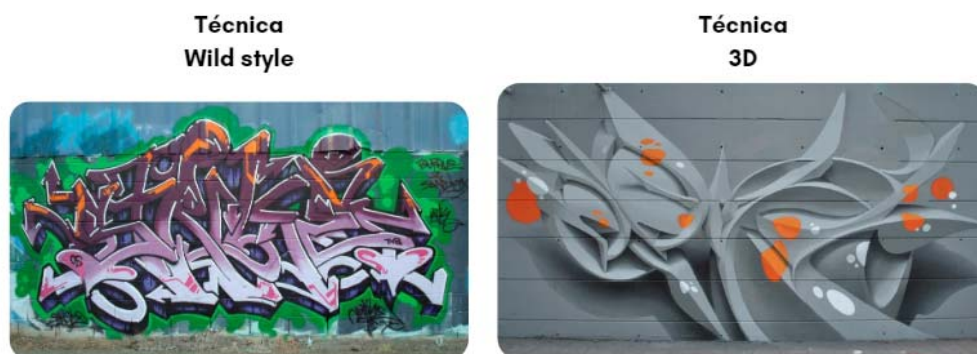


Figura 2: Representações das técnicas *wild style* e 3D.

Fonte: Cooltourspain (esquerda); Spray Planet (direita).

Apesar de compartilharem a busca pela estilização e originalidade, existem diferenças notáveis entre o *wild style* e a técnica 3D no grafite. Enquanto o *wild style* se destaca pela complexidade das letras e pela aparência abstrata, além de ser mais desafiador para a leitura, o 3D enfatiza a ilusão de profundidade e o realismo das formas, proporcionando uma experiência visual impactante, com um letramento vívido. Ambas as técnicas são apreciadas e reconhecidas por sua criatividade e habilidade técnica, contribuindo para a diversidade e riqueza da cultura do grafite (TINWELL, 2013), (BATES, 2014).

Não obstante, a técnica de pintura 3D permeia os espaços culturais possuindo maior aceitabilidade por parte do espectador. Além de estar presente em espaços artísticos conceituados, ela requer uma engenhosa habilidade e coordenação. Ainda que ambas as técnicas – *wild style* e 3D – possuam semelhanças entre si, principalmente nos aspectos atrelados à profundidade das formas, sombreado e diversidade de ferramentas, o estilo *wild style* permanece estigmatizado pelo meio social, frequentemente ensaiado como criminoso ou marginal.

Realismo e muralismo

A técnica do realismo no grafite se destaca por sua busca em reproduzir imagens com precisão e detalhes, assemelhando-se a fotografias ou à realidade (figura 3, esquerda). A expressão busca capturar minuciosamente os elementos visuais dos objetos retratados, como formas, texturas e sombras. Através do uso de técnicas como sombreado, camadas de grafite e esfumação, desenvolve-se um alto nível de realismo e profundidade nas imagens. Muitas vezes, o realismo requer referências visuais, como fotografias ou desenho digital para alcançar a precisão desejada (AFONSO, 2016).

Por outro lado, o muralismo se destaca pela criação de murais em espaços públicos, como paredes de prédios e ruas (figura 3, direita). Vai além da representação de imagens realistas, buscando transmitir mensagens, narrativas e reflexões sobre questões sociais, políticas, culturais e históricas. Os murais geralmente são criados em grande escala, abrangendo áreas extensas de superfície, tendo como

objetivo alcançar impacto visual significativo no ambiente urbano em que estão inseridos. É comum encontrar a técnica de anarmofose⁴ integrada ao muralismo.

A pluralidade do muralismo integra-se ao ambiente, levando em consideração a arquitetura, a paisagem e a identidade local. Essa técnica permite que os artistas se comuniquem diretamente com o público, utilizando a arte como uma forma de expressão coletiva e promovendo a reflexão e a conscientização em relação a temas relevantes para a comunidade.



Figura 3: Representações das técnicas realismo e muralismo.

Fonte: eduardokobra.com (Obra de Eduardo Kobra, à esquerda); Rede Pará (Obra de Cely Feliz, à direita).

Considerações Finais

O grafite brasileiro tem sido uma importante prática para a valorização e apropriação dos espaços públicos pela população, promovendo debates sobre temas sociais e políticos, e envolvendo uma complexa relação entre artistas, moradores e poder público na gestão e produção da arte na cidade. A prática se estabeleceu como uma forma de expressão artística contestatória e reivindicativa, buscando ocupar o espaço público e dar voz às minorias sociais. Ao longo do tempo, o grafite conquistou maior aceitação da sociedade brasileira, rompendo com a percepção de vandalismo e sendo cada vez mais valorizado como uma forma de arte pública.

A linguagem do grafite é um modelo identitário que incorpora outros elementos da cultura *hip-hop*, servindo como modelo de agregação social. Os grafiteiros utilizam seus próprios signos e gírias, manifestando sua ideologia de vida e conhecimento, e buscando afirmação e pertencimento como parte de sua identidade individual e coletiva. Além de ocupar os muros, o grafite transcende a arte em si e se torna uma linguagem urbana da cidade, transformando e moldando a paisagem urbana, conferindo novos significados tanto para os espectadores quanto para os próprios artistas.

Foi possível observar que o emprego das técnicas abordadas se diferencia não somente em modelos técnicos, mas principalmente na intenção de produção. Enquanto algumas técnicas possuem como foco a pura manifestação da arte, outras exploram perspectivas sociais, abordando temáticas pautadas nas diferentes classes que permeiam o país. A abordagem de tais técnicas manifesta na cidade as experiências individuais de cada grafiteiro, bem como arrojam uma história social que é possível observar nos murais urbanos.

O grafite tem desempenhado um papel importante na ressignificação do espaço urbano, no pertencimento e na valorização da cultura popular. No entanto, ainda existem desafios a serem

⁴ “As anamorfoses são imagens desenhadas em suportes geralmente de grandes dimensões como partes de arquiteturas (paredes, portas, vigas, etc) por se tornarem mais impactantes embora possam ser igualmente exploradas em pequena escala. Estas imagens que se apresentam inicialmente deformadas aos olhos do observador ganham forma e significado a partir de um ponto de vista específico e rígido. As anamorfoses adquirem assim sentido, seja perspético, seja tridimensional seja real pela deslocalização do observador para o ponto específico de observação, podendo desta forma ter a observação total e com significado da obra.” (AFONSO, 2016, p.18).

enfrentados para a plena valorização e reconhecimento da prática como uma manifestação cultural legítima. É necessário promover o diálogo entre artistas, moradores e poder público, incentivando a criação de políticas públicas que apoiem e protejam o grafite, além de combater estigmas e preconceitos associados a essa forma de expressão.

Em suma, é possível constatar que o grafite, emergido dos contextos periféricos, tem experimentado um aumento progressivo de espaço e reconhecimento na academia e no âmbito artístico contemporâneo. Não obstante, é imperativo não negligenciar suas origens, profundamente entrelaçadas às margens sociais. O grafite merece ser apreciado e reverenciado como uma forma de expressão artística urbana respeitável. Sua habilidade de metamorfosear paisagens urbanas e transmitir mensagens de profunda relevância deve ser celebrada, mantendo-se invariavelmente presente seu contexto histórico e social subjacente. Ao conferir-lhe o devido valor e respeito, abrem-se horizontes para uma apreciação abrangente das expressões culturais, reafirmando, desse modo, a importância da diversidade artística em nossas comunidades.

Referências

- AFONSO, S. **A expressão do graffiti: Da motivação à concepção plástica**. Tese de doutorado, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.
- BATES, L. **Bombing, Tagging, Writing: An Analysis of the Significance of Graffiti and Street Art**. (Masters Thesis). University of Pennsylvania, Philadelphia, PA, 2014.
- BLANCO, L.; SOUZA, E. O grafite e a formação do espaço geográfico urbano: informação, educação e arte. **Revista Geografia Literatura e Arte**, v. 2, n. 1, p. 141-159, 2020.
- BLAUTH, L.; POSSA, A. Arte, grafite e o espaço urbano. **Palíndromo**, v. 4, n. 8, 2012.
- FERREIRA, L. **O traçado das redes: etnografia dos grafiteiros e a sociabilidade na metrópole**. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.
- GITAHY, C. **O que é Graffiti?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.
- MOREIRA, V. **Grafite é Arte: conhecendo e explorando o Grafite como ensino em Artes Visuais**. Dissertação (Especialização em Ensino de Artes Visuais), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- OLIVEIRA, D.; TARTAGLIA, L. Ensaio sobre uma geo-grafia dos graffitis. **GEOgraphia**, v. 11, n. 22, p. 59-88, 2009.
- OLIVEIRA, M.; CASTRO, M. Articulando Fluxos Globais e Experiência Local: Novas Identidades Reveladas pelo Grafite em Belo Horizonte. **Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 17, 2017.
- PAPALI, F.; VIANNA, P.; ZANETTI, V. Um Pouco da História do Grafite e da Pichação no Brasil. **XXIX Simpósio Nacional de História**, 2017.
- PIXO. Direção: João Wainer. 61 min. Brasil. **Documentário**, 2009.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SARAIVA JR., S. **O grafite como prática espacial: a produção do grafite para além da imagem**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- TARTAGLIA, L. A paisagem e o grafite na cidade do Rio de Janeiro. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 191-202, 2013.
- TINWELL, A. 3D graffiti: Virtuality to the streets. **The unexpected impertinence of urban creativity**, p. 199-242, 2013.